

CRÔNICA

Cláudio Ferreira • claudioferreira_64@hotmail.com

Eu e os verbos

Entre os desejos para serem concretizados em 2026, gostaria de ver alguns verbos serem usados com mais frequência (e alguns com mais cuidado) e outros terem alguns sentidos definitivamente banidos. Não é questão de gosto — adoro os verbos, eles mostram ação, dão vida a qualquer discurso. Mas, às vezes, eles podem trazer maior ou menor qualidade de vida para todos nós.

O verbo que me traz mais dificuldade é Arriscar. Sou taurino, gosto das quatro patas fincadas no chão e da sensação de estabilidade. Mas venho aprendendo, com a maturidade, que estabilidade é uma ilusão do homem do século 21. A vida é instável por definição e a estabilidade corresponde a momentos passageiros, fugazes.

Nada a ver com inconsequência ou falta de planejamento. Mais a ver com flexibilidade e preparação para as surpresas, sejam elas boas ou ruins. Quem não arrisca, não petisca — mas aprendemos desde cedo a procurar o mais seguro, o mais previsível. Queria arriscar mais, pagar pra ver, inclusive decidindo quando vale a pena arriscar e



quando é preferível apenas ir na direção do vento.

Um verbo necessário é Acolher. Ando praticando com menos frequência do que gostaria, mas acho que com mais qualidade do que há alguns anos. Vejo que o acolhimento não tem regras: um abraço para um, os dois ouvidos abertos para outro, apenas um olhar de apoio para um terceiro. No vendaval de uma vida virtual, na qual falar com um amigo agora pode significar mandar uma mensagem, Acolher parece

cada vez mais importante.

Um verbo capcioso é Aconselhar, muito popular, mas que pode causar danos e não somente benefícios. Quem dá conselhos dificilmente consegue se colocar efetivamente no lugar do outro. Acaba dando uma orientação com base na sua própria vida, valores e crenças. Começa sempre com o velho “se eu estivesse no seu lugar...”, mas continua no próprio cercadinho. Acha que, de fora, tem mais discernimento. Por isso, eu

queria Aconselhar cada vez menos e tentar Ajudar de outras maneiras.

Estou em uma campanha contra o verbo Aceitar, pelo menos diante de alguns significados. Aceitar sempre me parece uma dose extra de passividade, mesmo que, em algumas situações, signifique algo como “escolher pelo que brigar”, lema que tenho adotado há algum tempo.

Minha revolta, no entanto, se concentra no Aceitar quando o objeto direto é alguém. Meu ponto de vista?

Ninguém tem que aceitar ninguém. Aceitar, nesse caso, me soa como um tribunal de seres superiores, decidindo que pessoas são válidas ou não. As pessoas existem e têm seus direitos independentemente de alguém aceitá-las ou não. O que é obrigatório é o respeito. Por mais diferente que alguém seja de mim, de minhas crenças e valores, quem sou eu para não aceitá-lo? Posso até não me interessar por um vínculo afetivo com essa pessoa. Tudo bem. Respeitar já é suficiente.